

EDUCAÇÃO

Universidades S.A

Em geral, universitários encontram pouco estímulo e apoio para empreender. No DF, o cenário tem mudado, pelo menos na UnB, que ficou em oitavo lugar em ranking que mapeia a capacidade do ensino superior de transformar ideias de estudantes em microempresas inovadoras. Em 2016, a instituição estava na 18ª posição, o que revela que houve avanços

» JAIRO MACEDO
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o assunto é empreendedorismo, as instituições de ensino superior do Brasil não apresentam desempenho satisfatório em comparação mundial. Em rankings universitários que levam em conta esse quesito, a presença brasileira ainda é incipiente. Na última classificação da revista inglesa *Times Higher Education*, referência no assunto, a Universidade de São Paulo (USP), instituição brasileira mais bem colocada e única a aparecer no rol, figura apenas na 250ª colocação. Nacionalmente, a Confederação Brasileira de Empresas

Juniors (Brasil Júnior) elaborou a segunda edição do Índice de Universidades Empreendedoras, maior mapeamento de práticas de empreendedorismo do país. O índice coletou dados de 55 universidades brasileiras e ouviu mais de 11.500 estudantes sobre o que eles pensam da abertura das instituições para o tema. O ranking geral é, pela segunda vez, liderado pela USP, com nota 7,26 pontos (a avaliação varia de 0 a 10). Em seguida, estão a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com nota 6,9 pontos; e a **Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)**, com 6,84 pontos. A Universidade de Brasília (UnB) aparece na oitava posição, com pontuação de 5,86.

“O índice é um projeto voluntário, que contou com a colaboração de embaixadores em cada instituição analisada. A coleta de dados desses participantes gera parâmetros gerais e a opinião coletada com os alunos alimenta indicadores específicos. Partimos da premissa de pensar as universidades como ecossistemas empreendedores”, explica Klynsmann Diogo Bagatini, coordenador geral da pesquisa. Ecossistema, explica ele, é um conceito que leva em consideração seis grandes indicadores: cultura empreendedora, inovação, extensão, infraestrutura, internacionalização e capital financeiro. Os

três primeiros, análogos ao tripé educacional “ensino, pesquisa e extensão”, avaliam o que substancialmente influencia o empreendedorismo da faculdade. Os outros três medem os meios proporcionados pelas instituições para o protagonismo do mundo acadêmico junto ao terceiro setor. “Acredito que é uma discussão que está se fortalecendo aos poucos e o nosso trabalho surge no sentido de dar alguma base concreta à discussão. Na própria construção do índice, percebemos não haver, por parte das instituições, o cuidado ideal em manter, organizar e disponibilizar dados para a avaliação”, afirma Klynsmann.



O índice é um projeto voluntário, que contou com a colaboração de embaixadores em cada instituição analisada”

Klynsmann Diogo Bagatini,
coordenador geral do Índice de Universidades Empreendedoras

Integração entre academia e sociedade

Guilherme Capanema, 20 anos, graduando em turismo e embaixador da Brasil Júnior na UnB, acredita que se faz necessária mudança geral de mentalidade para alavancar o empreendedorismo na instituição. “Apesar de estarmos rompendo essa barreira com inovação e criatividade, ainda existe uma cultura muito forte do funcionalismo público aqui. A burocracia que isso gera para coisas aparentemente simples é prejudicial para alcançarmos uma educação empreendedora”, diz. “Meu curso, por exemplo, trata muito das esferas governamental e acadêmica, mas apresenta poucas possibilidades de criação junto ao mercado privado”, avalia. Integrante da Polaris Jr., empresa júnior de consultoria turística, Capanema enxerga em trabalhos como os desenvolvidos pela organização elementos que merecem mais espaço dentro do dia a dia acadêmico. “Acredito que as

Ana Rayssa/Esp. CB/D.A Press



Caio Vivian e Rafael Bitter são da empresa Enkrateia, que foi incubada no CDT

graduações devem incluir mais disciplinas que estimulem o empreendedorismo, motivando os universitários a resolver os problemas que existirão quando se

formarem e entrarem no mercado.” Coordenador do projeto de extensão Dextra, citado no índice como caso de destaque em inovação pelo trabalho de capacitação de

microempresários, Eduardo Souza Rodrigues também enxerga dificuldades em implantar uma cultura empreendedora local. “Ficamos um pouco atrás em Brasília,

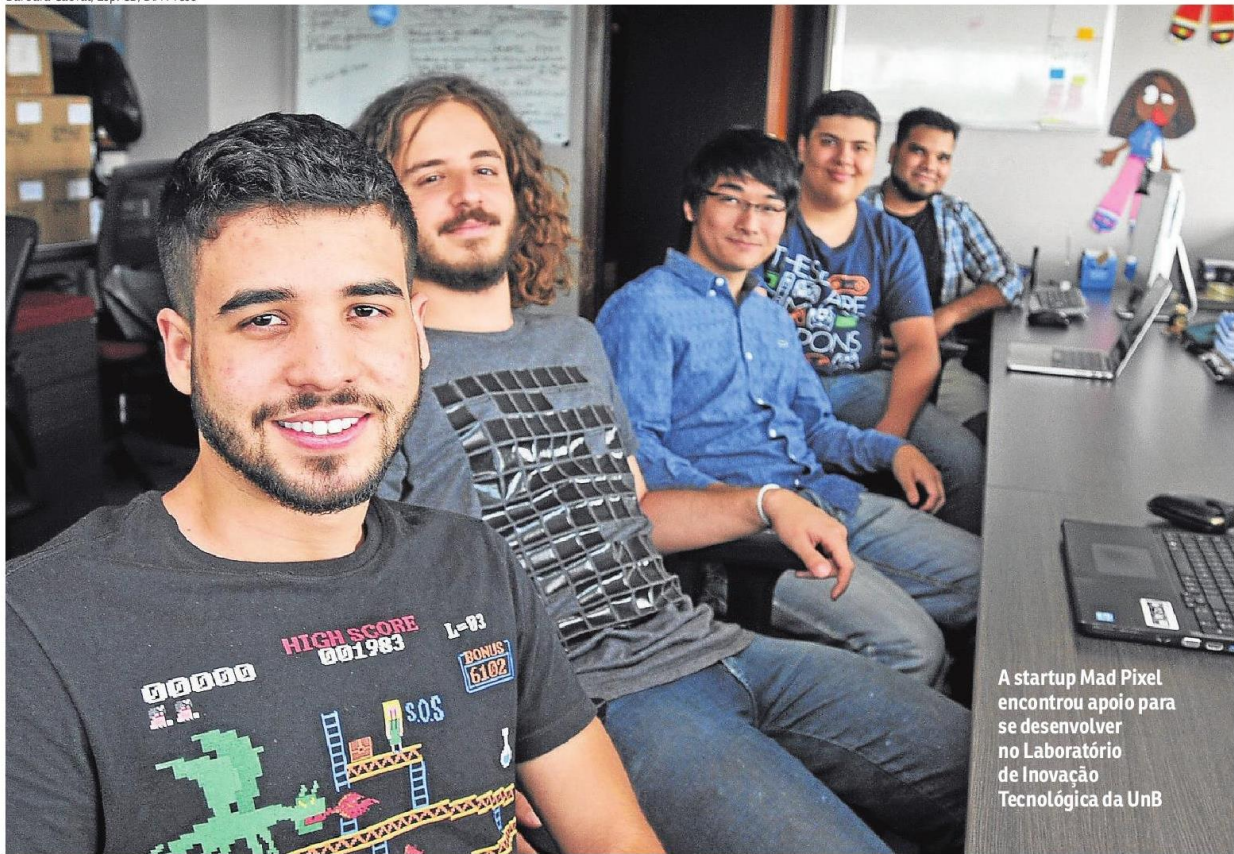
onde predomina certa zona de conforto social e econômica. Isso talvez se dê pela cultura da região. Empresas juniores e aceleradoras de negócios surgiram há pouco tempo e os universitários têm, aos poucos, enxergado o melhor desse viés”, comenta. Ainda que concorde com os colegas, Gleyciene Reis, diretora administrativa e financeira do projeto Integrar, enxerga demanda por mudanças no DF. “Definitivamente, não temos uma tradição de educação empreendedora em Brasília, mas os jovens dessa geração estão inquietos frente ao que tem acontecido no mundo em relação aos modelos de trabalho”, avalia. “Existem iniciativas concretas na UnB e em faculdades particulares. Não se trata de criticar o funcionalismo público, de maneira alguma, ele também é importantíssimo para o país. O problema acontece quando as pessoas começam a acreditar que essa é a única alternativa”, aponta.

UnB sobe 10 posições em ranking

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press

Referência no Centro-Oeste, a Universidade de Brasília ocupa a oitava posição no ranking geral da Brasil Júnior — 10 a menos que na primeira edição do estudo, em 2016, quando foi listada na 18ª classificação. No entanto, o levantamento também gerou classificações específicas. A instituição figura em oitavo lugar no quesito capital financeiro; no 10º, em extensão; no 11º, em internacionalização; e no 13º, em infraestrutura. Para Sanderson Cesar Macêdo Barbalho, diretor do Centro de Apoio ao Desenvolvimento Tecnológico (CDT/UnB), o resultado revela que a universidade vem retomando o crescimento nessa área. “Considere que é uma colocação boa, à medida que nós e aqueles à nossa frente temos traçado caminhos sem descontinuidade. Fizemos muitos eventos ao longo deste ano, reunindo mais de 2 mil estudantes ao todo. Penso que o resultado está muito vinculado a isso”, relata. “Levamos exitosas startups criadas por alunos ao público, estimulando o ecossistema de inovação. Os estudantes anseiam por isso”, avalia. Em quase três décadas de atividade no apoio do desenvolvimento tecnológico, a multinubadora abrigou cerca de 170 empresas e, atualmente, hospeda 25. Rafael Bitter, 24 anos, e Caio Vivan, 24, são jovens que procuraram, durante os anos na universidade, conhecimento e suporte para criação de uma empresa.

Participando do Movimento Empresa Júnior, os dois estudantes de relações internacionais encontraram na educação formacional o campo em que queriam desenvolver um trabalho. Dessa forma, nasceu a Enkrateia, grupo de facilitadores focado em realizar experiências intensas que abordem o subconsciente. A empresa foi incubada no CDT. “A educação informacional propõe absorção e sistematização de uma infinidade de informações. No nosso trabalho, formacional, o foco é outro: formar pessoas por meio de experiências com o poder do subconsciente. Utilizamos técnicas variadas, de neurolinguística à hipnose, de modo a ajudá-las a encontrar, em momentos de indecisão quanto à vida profissional e pessoal, o melhor caminho”, explica Rafael. Oferecendo cursos esporádicos e trabalhando junto a empresas juniores da UnB, como a Nutrir (nutrição), Engenet



A startup Mad Pixel encontrou apoio para se desenvolver no Laboratório de Inovação Tecnológica da UnB

Bárbara Cabral/Esp. CB/D.A Press



Gabriel Andrade estuda administração e é membro da Mad Pixel



Considero que a colocação da UnB é boa. Fizemos muitos eventos ao longo deste ano, reunindo mais de 2 mil estudantes ao todo. Penso que o resultado está vinculado a isso”

Sanderson Cesar Macêdo Barbalho, diretor do CDT da instituição

(engenharia de redes) e a Facto (de jornalismo), os jovens desenvolveram portfólio e hoje, como microempreendedores, buscam consolidar a atividade no mercado. “Hoje, sou quem sou e tenho o trabalho que amo graças às atividades de empreendedorismo na universidade, que me possibilitaram noções de responsabilidade, criatividade e poder de ação em contato com o mercado de trabalho. Aplicamos tudo o que vimos em teoria na faculdade na prática dentro de uma empresa.”

Parceria nos negócios

Foi no Laboratório de Inovação Tecnológica da UnB, ligado ao CDT, que Gabriel Andrade, 23, encontrou espaço para desenvolver a startup de gamificação Mad Pixel, que mantém com seis colegas. “Entre em meu primeiro curso em 2012 e encontrei amigos que compartilhavam dos mesmos interesses que eu e buscavam disciplinas na universidade que tivessem conexão com o mundo dos games

virtuais”, explica. Ele chegou a estudar parte do curso de ciências da computação na UnB e hoje é aluno de administração. Gabriel encontrou ainda fonte de inspiração em matérias que tratam, direta e indiretamente, de jogos, música e design. “Juntos, buscamos desenvolver nossos primeiros aplicativos, jogos e ferramentas de gamificação, que foram ganhando destaque em eventos regionais e nacionais. Logo, ainda dentro da universidade, fomos abordados por empresas querendo desenvolver jogos”, conta. Para o estudante, o meio acadêmico ainda engatinha na relação com o empreendedorismo. “O trabalho junto ao CDT nos possibilita contato com pesquisadores e progredir no desenvolvimento das ferramentas e produtos. Contudo, falta orientação no sentido de lançar um produto final e criar uma empresa”, afirma. “Mudei para o curso de administração justamente para conhecer um pouco melhor esse processo e colaborar dentro da startup de outra forma.”

CONTINUAÇÃO DA CAPA

Não basta ficar em sala de aula

Dos alunos que responderam ao Índice de Universidades Empreendedoras, 30% declararam nunca ter participado de projetos para além da sala de aula. Mais de 50% acreditam que a grade curricular do curso não proporciona espaço e flexibilidade para competências empreendedoras e 64% avaliam que as instituições de ensino superior não contribuem, de modo geral, para tal atividade. A falta de cultura empreendedora, acreditam os especialistas, fortalece a visão pessimista dos discentes.

“O sentimento que fica é de que os alunos ainda não conseguem mensurar a importância dos projetos de extensão. Existe uma preocupação muito grande em seguir o fluxo do curso e se formar rapidamente”, analisa Gleyciane Reis. Por parte dos docentes, segundo Eduardo Souza Rodrigues, também há necessidade de abraçar melhor essa cultura. A visão de certa “pureza intelectual” do acadêmico atrapalha. “O papel do ensino superior no desenvolvimento do país é enorme, especialmente em tempos de crise como este. Há divisão muito forte entre o ensino superior e o mundo dos negócios”, percebe.

“Nossos projetos de conclusão, por exemplo, são engavetados. Ainda estamos longe da tradição de, como ocorre nos Estados Unidos e em outros países, ver nas pesquisas possibilidades de startups”, afirma. “As empresas juniores são importantes para a conexão do mundo acadêmico com o empresário, oferecendo serviços com preço acessível. A universidade tem todo um aparato para gerar valor para a sociedade. Muitas das pesquisas não visam um produto final ou inovação, faltando aos docentes e discentes idealizar uma universidade cujo conhecimento é aplicado no mundo”, acrescenta Klynsmann Bagatini. “Estamos muito aquém do ideal. As faculdades formam pesquisadores que produzem artigos que poucas pessoas vão ler. Essa é uma barreira que precisa ser superada. Se temos toda a tecnologia avançada vinda de outros países é porque as universidades de lá estão incluídas no setor produtivo”, sintetiza Sanderson Macedo.

»» Projetos efetivos

Para tirar as boas ideias do papel

A Integrar UnB é uma associação de alunos sem fins lucrativos. Atualmente com 13 integrantes, a maioria de cursos de engenharia, além de graduandos em comunicação e administração, o projeto passou por reestruturação em 2017. O foco, até então, estava na promoção de eventos (como Encontro de Oportunidades da UnB, TEDx, Integrar Apresenta e UnB Talks). “Esses últimos com pegada de expor aos estudantes as histórias vividas por ex-alunos, servidores, professores, pessoas que foram impactadas por programas de empreendedorismo dentro da UnB”, define Gleyciane Reis. “Hoje, além dos eventos, somos uma incubadora de projetos com propósito de ajudar a comunidade a tirar do papel boas ideias que muitas vezes ficam engavetadas porque os criadores não sabem como executar. Assim, dá para preparar os incubados para a fase posterior e tornar um conceito cru em algo pronto para ser comprado ou receber investimento.” Isso proporciona aos interessados um conhecimento único, na avaliação da coordenadora.

Thais Rodrigues/Divulgação



Guilherme Capanema/Divulgação



Turismo conduzido por universitários

Formada por 19 alunos de graduação em turismo da UnB, a empresa Júnior Polaris Jr. atua desde 2015 na área de consultoria turística, em serviços que envolvem organização de eventos, planejamento estratégico e elaboração de projetos. “Contamos com o apoio da UnB, do Centro de Excelência em Turismo (CET) e do CDT. Assim, temos espaço legal para trabalhar, com mobiliário e equipamentos cedidos pela instituição, além de ter o nome da UnB como chancela e credibilidade junto a projetos, algo muito importante para uma empresa júnior”, afirma Guilherme Capanema. “Já fomos contratados por outros departamentos da UnB para executar projetos”, comemora. Em dois anos, a Polaris Jr. atendeu diretamente sete empresas, além de pessoas físicas. A participação apaixonada dos alunos é o diferencial. “Acredito que os estudantes percebem a importância de iniciativas como a nossa, mais até do que a universidade. Muitos projetos demandam investimento para acontecer e nem sempre a UnB consegue apoiar dessa forma. Além disso, o currículo dos cursos geralmente exige muito tempo de dedicação a conteúdos extremamente teóricos.”

“Eles criam portfólio sem a necessidade de se vincular em definitivo a uma organização. Além disso, os estudantes não entram para fazer trabalho operacional. Pelo contrário, são realmente recebidos como consultores e lidam com o projeto por inteiro. O bacana é que as equipes mudam e a pessoa aprende a trabalhar em ambientes voláteis.”

Capacitar, conectar e impulsionar

Auto-intitulado “Laboratório de ideias”, o projeto de extensão Dextra é citado pelo índice da Brasil Júnior como caso de sucesso. A iniciativa foi idealizada por alunos da UnB e, com apenas dois anos de existência, conta com seis membros graduandos fixos e mais dois mentores que auxiliam na consultoria. “A missão é permitir que os aspirantes a empreendedores da faculdade encontrem caminho para realizar o que pretendem. Hoje, além de ser um caminho difícil de trilhar, não há apoio e direcionamento para essas pessoas descobrirem por onde começar. Fazer sem saber para onde se está indo é complicado e resulta no fim precoce de empresas que tinham tudo para ir mais longe”, avalia Eduardo Souza, coordenador e estudante de engenharia civil. São três os pilares: capacitar, conectar e impulsionar. “O primeiro trata de formar as pessoas com cursos gratuitos (de modo a alcançar gente de alta, média e baixa renda). No segundo, conectamos os empreendedores com outros que estão no mercado, fazendo a ponte entre alunos e investidores e aceleradoras de startups, aproximando os estudantes do ecossistema do empreendedorismo”, conta. “Por fim, nós os convidamos para a impulsionar, quando uma ideia incipiente é posta em prática por uma equipe que trabalha por duas ou três semanas. Ao fim desse período, o projeto é apresentado a gente de calibre em Brasília que se dispõe a ajudar, colocando aquilo no mercado.”

Ana Rayssa/Esp. CB/D/A Press



» Top 10 - As universidades mais empreendedoras do país

Jorge Maruta/Jornal da USP



1) Universidade de São Paulo (USP): 7,26 pontos

Beto Novaes/EM/D.A Press



2) Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG): 6,90 pontos

Antônio Scarpinetti/Divulgação



3) Universidade Estadual de Campinas (Unicamp): 6,84 pontos

Reprodução



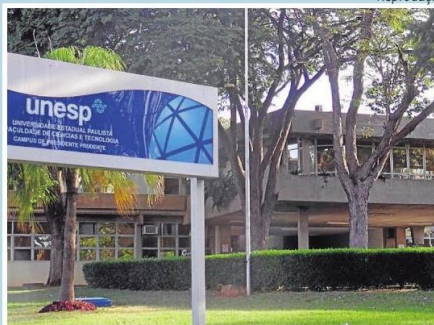
4) Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS): 6,45 pontos

Reprodução



5) Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio): 6,18 pontos

Reprodução



6) Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp): 6,16 pontos

Reprodução



7) Universidade Federal de Viçosa (UFV): 5,91 pontos

Ed Alves/CB/D.A Press



8) Universidade de Brasília (UnB): 5,86 pontos

Reprodução



9) Universidade Federal de Itajubá (Unifei): 5,80 pontos

Reprodução/Internet



10) Universidade Federal do Paraná (UFPR): 5,74 pontos

Fonte: segunda edição do Índice de Universidades Empreendedoras, da Brasil Júnior